

UNIVERSIDADE DO VALE DO SAPUCAÍ

MATHEUS HENRIQUE AZEVEDO ROSA

TRANSTORNOS DE ANSIEDADE EM ADOLESCENTES VÍTIMAS DE  
BULLYING TRADICIONAL E CYBERBULLYING EM ESCOLAS E NO MEIO  
VIRTUAL

POUSO ALEGRE, MG

2023

MATHEUS HENRIQUE AZEVEDO ROSA

TRANSTORNOS DE ANSIEDADE EM ADOLESCENTES VÍTIMAS DE  
BULLYING TRADICIONAL E CYBERBULLYING EM ESCOLAS E NO MEIO  
VIRTUAL

Artigo científico apresentado para aprovação no  
curso de psicologia, da Universidade do Vale do  
Sapucaí; orientado pelo Prof. Me. Lucas Navaroli  
Ribeiro Silva.

POUSO ALEGRE, MG  
2023

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca da  
Unidade Central

Rosa, Matheus Henrique Azevedo.

Transtornos de ansiedade em adolescentes que foram vítimas de bullying tradicional e cyberbullying em escolas e no meio virtual / Matheus Henrique Azevedo Rosa - Pouso Alegre: Univás, 2023.

31f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Universidade do Vale do Sapucaí, 2023.

Orientador: Prof. Me. Lucas Navaroli Ribeiro Silva.

1. Bullying. 2. Cyberbullying. 3. Transtorno de ansiedade. 4. Escolas. 5. Tecnologia. 6. Saúde mental. I. Título.

CDD - 150

Bibliotecária responsável: Michelle Ferreira Corrêa  
CRB 6-3538

MATHEUS HENRIQUE AZEVEDO ROSA

TRANSTORNOS DE ANSIEDADE EM ADOLESCENTES VÍTIMAS DE  
BULLYING TRADICIONAL E CYBERBULLYING EM ESCOLAS E NO MEIO  
VIRTUAL

Artigo científico apresentado para  
aprovação no curso de Psicologia, da  
Faculdade de Ciências Médicas Dr. José  
Antônio Garcia Coutinho, da Universidade do  
Vale do Sapucaí; orientado pelo Prof. Me.  
Lucas Navaroli Ribeiro Silva.

APROVADA EM: 15/11/2023.

Banca Examinadora

---

Orientador: Prof. Me. Lucas Navaroli Ribeiro Silva  
Universidade do Vale do Sapucaí



---

Examinador: Prof. Dr. Victor Hugo Sampaio Alves  
Universidade do Vale do Sapucaí



---

Examinador: Prof. Esp. Edmara Barra dos Santos  
Universidade do Vale do Sapucaí

## RESUMO

Entre as práticas nocivas de violência que prejudicam a saúde mental e desenvolvimento da criança e adolescente, podemos dizer que o bullying tradicional e suas ramificações estão muito presentes no cotidiano desses jovens, mas por muito tempo não se abordava muito essa prática de violência nem seus danos que causam na saúde psíquica e física do indivíduo, o bullying tradicional era tratado como algo que o indivíduo deveria passar para se tornar mais forte na sociedade, para que ele se torna-se um adulto resiliente. Graças ao psicólogo e pesquisador Dan Olweus (1931-2020), essa concepção começou a ser mudada nos anos 70 e nos dias atuais continuamos a pesquisar e querer saber sobre as consequências do bullying tradicional e suas ramificações, para que cada vez mais essa prática seja reduzida no mundo todo com a possibilidade de um dia ser extinta. O presente trabalho consistiu em analisar mais de 30 artigos acadêmicos, com o intuito de se obter respostas de que os transtornos de ansiedade em geral estão associados com as vítimas de bullying e cyberbullying, sejam crianças e adolescentes não só no Brasil, mas em âmbito global. O resultado obtido foi satisfatório, pois concluiu-se que tais práticas de violência, não estão associadas somente a transtornos de ansiedade, mas também, depressão, automutilação, suicídio, baixa autoestima, medo, insegurança e demais consequências negativas que prejudicam os jovens. Com o avanço tecnológico que estamos vivendo, as práticas de bullying, também evoluíram, o cyberbullying é um exemplo disso, pois essa ramificação do bullying tradicional, rompe os muros da escola, podendo ser realizada pelos agentes praticantes dentro de casa através de um computador ou de qualquer lugar público através do celular ou outros objetos tecnológicos que possuem acesso a internet. O bullying, suas ramificações e seus efeitos devem ser sempre discutidos, não só no âmbito escolar, mas também os responsáveis pelas crianças e adolescentes devem ficar cientes de como estão a vida cotidiana de seus filhos, seja na escola ou na sociedade, para que esses jovens contem para seus responsáveis a violência que podem estar sofrendo, para que as autoridades escolares ou demais autoridades, possam tomar medidas para combater o bullying e o cyberbullying, com isso os jovens poderão se desenvolver melhor para que no futuro se tornem adultos com uma boa saúde mental equilibrada e ressignifique a violência que sofreram em seu passado.

**Palavras-chave:** bullying; cyberbullying; transtorno de ansiedade; escolas; tecnologia; saúde mental.

## ABSTRACT

This article explores the detrimental impact of traditional bullying and its ramifications on the mental health and development of children and adolescents. Historically, traditional bullying was downplayed, with the notion that individuals should endure such experiences to build resilience. The shift in perspective, initiated by psychologist and researcher Dan Olweus (1931-2020) in the 1970s, prompted a reevaluation of the psychological and physical consequences of traditional bullying. This study analyzes over 30 academic articles to investigate the association between anxiety disorders and victims of both traditional and cyberbullying globally. The findings reveal a significant correlation between these forms of violence and a range of negative outcomes, including depression, self-harm, suicide, low self-esteem, fear, and insecurity. As technological advancements have introduced cyberbullying, extending beyond the confines of schools to online spaces, it is imperative to address these evolving forms of aggression. The discussion emphasizes the need for ongoing dialogue not only within educational settings but also among caregivers to remain vigilant about the daily lives of children and adolescents. Encouraging open communication enables young individuals to disclose instances of violence, empowering authorities to implement measures against bullying and cyberbullying. Ultimately, fostering a supportive environment can contribute to the well-rounded mental health of young individuals, allowing them to navigate adulthood with resilience and redefine the impact of past adversities.

**Keywords:** bullying; cyberbullying; anxiety disorder; schools; technology; mental health.

## SUMÁRIO

|            |                                                                                                          |           |
|------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>1</b>   | <b>INTRODUÇÃO .....</b>                                                                                  | <b>8</b>  |
| <b>2</b>   | <b>REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>                                                                         | <b>11</b> |
| <b>2.1</b> | <b>Conceituações sobre o bullying .....</b>                                                              | <b>11</b> |
| <b>2.2</b> | <b>Sobre o cyberbullying.....</b>                                                                        | <b>14</b> |
| <b>2.3</b> | <b>Efeitos na saúde mental de vítimas do cyberbullying e bullying: transtorno de<br/>ansiedade .....</b> | <b>16</b> |
| <b>3</b>   | <b>MÉTODO .....</b>                                                                                      | <b>22</b> |
| <b>4</b>   | <b>RESULTADOS E DISCUSSÃO .....</b>                                                                      | <b>23</b> |
| <b>5</b>   | <b>CONCLUSÃO.....</b>                                                                                    | <b>27</b> |
|            | <b>REFERÊNCIAS .....</b>                                                                                 | <b>29</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho consiste em uma revisão de literatura científica a respeito dos efeitos do *bullying* tradicional e *cyberbullying* em adolescentes, bem como a presença de sintomas prevalentes dos Transtornos de Ansiedade diante desse fenômeno. O objetivo principal deste trabalho é fornecer conhecimento ao meio acadêmico-científico e à sociedade em geral, para aqueles que desejam aprofundar seu entendimento sobre o tema. Além disso, acredita-se que ao compreender mais sobre o *Bullying* e *Cyberbullying* e seus efeitos, as instituições de ensino possam encontrar meios de prevenir e atuar diante desse fenômeno, promovendo assim um contexto mais preparado para lidar com essa questão.

Antes de definir o *cyberbullying*, o qual ocorre necessariamente no ambiente digital, é necessário definir o *bullying*, que traz a base desse fenômeno antes do seu surgimento em outros cenários. Medeiros (2012) define o *bullying* como um fenômeno social que envolve atitudes específicas de conflitos e agressões repetitivas, levando a consequências graves para todos os seus envolvidos.

O fenômeno do *bullying* foi observado em suas primeiras manifestações, por Dan Olweus, que conduzia seus estudos na Universidade de Bergen entre os anos de 1978 a 1993. O tema ganhou notoriedade quando ocorreu o suicídio de três crianças, provavelmente impulsionadas por vivências relacionadas ao *bullying*, como violência, agressão e intimidação. A partir disso, a sociedade pressionou as autoridades para mitigar essa violência, resultando na criação da “Campanha anti-bullying nas escolas” em 1993. (QUINTANILHA, 2011).

De acordo com Pigozi & Machado (2014), embora o *bullying* seja amplamente divulgado nas mídias sociais e estudado há mais de quatro décadas, no Brasil ele começou a ser estudado mais profundamente no final da década de 90 e início dos anos 2000, o que demonstra que a nossa produção científica brasileira ainda vem se desenvolvendo. Segundo Medeiros (2012), o termo *bullying* passou a ser disseminado pela mídia nos anos de 2009 e 2010, anos que foram publicados mais de nove livros sobre o assunto.

Segundo a UNESCO (2019), todos os anos, 246 milhões de crianças e adolescentes sofrem algum tipo de *bullying* na escola. E segundo a UNICEF (2016) e o representante especial do secretário-geral da Organização das Nações Unidas, 100 mil jovens de 18 países, dois terços deles afirmam ter sido vítimas de *bullying*.

O *bullying* já não é mais entendido como uma prática que faz o jovem se tornar mais

forte; pelo contrário, as investigações pediátricas, psiquiátricas e psicológicas têm documentado consequências na vida das crianças e jovens que sofrem *bullying* ou *cyberbullying*, incluindo depressão, baixa autoestima e ansiedade sendo também um fator de risco para tentativas de suicídio (Gini e Espelage, 2014).

Rivara *et al* (2019) afirmam, em um estudo sobre os efeitos da violência na saúde, que o *bullying* está associado duas vezes com sintomas de somatização, entre os jovens que são vítimas de *bullying* em relação aos que não são, tais sintomas incluindo dores de cabeça, abdominais, perturbações do sono, entre outros.

Shetgiri (2013) também afirma que o *bullying* em crianças pode causar consequências negativas como baixo desempenho acadêmico, queixas psicossomáticas como dores de cabeça e abdominais, depressão e ansiedade, levando o aluno a faltas prolongadas no âmbito escolar.

Uma pesquisa realizada em 2017 pelo ministério da Educação da República Popular da China afirmou que, dos 104.834 estudantes das 22 províncias chinesas, 33,36% afirmaram sofrer *bullying* no *campus*, enquanto as outras 28,66 e 4,7% relataram sofrer *bullying* às vezes e frequentemente, respectivamente.

Os autores chineses, Wu, Zhang, Su e Hu (2018) afirmam que quando as crianças passam por experiências de socialização negativas como o *bullying*, nas quais são vítimas de um colega ou mais, internalizam essas experiências de vitimização, podendo formar autoavaliações negativas em seus questionamentos, o que irá prejudicar as relações positivas com outros colegas, podendo acarretar na vida das crianças desajustes emocionais, solidão, depressão e ansiedade.

Rivara *et al* (2019) informam que, em duas pesquisas de meta-análise, foi associado que vítimas de *bullying* e *cyberbullying* são mais propensas a ter ansiedade do que aquelas não foram vítimas. Na primeira meta-análise de 165 estudos, concluiu que as vítimas de *bullying* estão mais associadas a terem depressão (OR: 2,21), ansiedade (OR: 1,77), abuso de álcool (OR: 1.26), e abuso de substâncias (OR: 1.41). Já na outra meta-análise de 55 estudos relacionados à vítimas de *cyberbullying*, foram encontradas fortes associações com a depressão, ansiedade, autoestima e somatização.

Albores-Gallo *et al* (2011) realizaram um estudo com cinco escolas públicas da Cidade do México sobre o fenômeno *bullying* e patologias relacionadas. Este estudo contou com uma amostra final de 349 alunos, entre crianças de 6 a 9 anos, classificados em grupos de vítimas, agressores e vítimas-agressores. Os autores constataram que, nas vítimas, os valores de sintomas de ansiedade foram maiores que os demais grupos. O teste utilizado para coleta

de informações foi o teste Bull-S.

Azevedo; Miranda e Souza (2012) ressaltam que as novas tecnologias estão cada vez mais presentes no cotidiano social e que não podemos negar que esta revolução tecnológica que vivemos afeta vários aspectos da nossa sociedade, através da inserção desses novos contextos virtuais, como, por exemplo, das redes sociais presentes na vida dos jovens desta década.

Ademais, não se trata de condenar o uso das ferramentas tecnológicas, pois, atualmente, elas desempenham papel fundamental nas relações sociais, embora ocorram majoritariamente ambiente digital. O que deve ser colocado em evidência é a necessidade de uma nova maneira de ser e estar no ambiente digital, para não potenciar os problemas advindos das relações, evitando torná-las potencialmente prejudiciais e utilizadas para intimidação e violência. (Ventura e Fante, 2011).

Segundo Ventura e Fante (2011), com o aumento dos usuários de celular ainda na infância e adolescência, considerando que nessa faixa etária o aparelho é uma parte indispensável em seu cotidiano tornando-se inclusive uma extensão de seus corpos e personalidade, esse fato torna os usuários de tal tecnologia suscetíveis ao *cyberbullying*.

O *cyberbullying* é uma manifestação violenta grave que não pode ser tolerada; seu fenômeno precisa ser pesquisado e divulgado, já que pode ocorrer de maneira anônima no “mundo virtual” de crianças e jovens (Azevedo; Miranda e Souza, 2012).

Broll *et al.* (2017), conduziram uma pesquisa sobre os efeitos psicológicos que o *bullying* e *cyberbullying* causaram em 172 jovens declarados indígenas no Canadá. Os jovens eram provenientes de diversas províncias canadenses e um território. Os autores utilizaram a escala *DASS-21*, uma ferramenta que distingue claramente os sintomas de ansiedade, depressão e estresse. Após a análise de dados coletados com os adolescentes, descobriram que o *cyberbullying* contribui com experiências ansiedade e estresse, mas não apresenta uma associação significativa com a depressão.

A partir das investigações conduzidas, a presente pesquisa compreende-se como uma proposta de colaborar ainda mais com a investigação sobre a temática do *bullying* e *cyberbullying*, associando sintomas de Transtorno de Ansiedade. Para tanto, será realizada uma revisão de literatura nas bases de dados científicas e sistematizadas utilizando o método PRISMA (PAGE XXX).

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 Conceituações sobre o bullying

De acordo com Santana (2011), o *bullying*, também traz consequências nocivas para o agressor, que, segundo ele é uma vítima social. Para todos os envolvidos nesse fenômeno, em nível intelectual, emocional e físico, os efeitos vão para além da escola, no tempo e no espaço. Além disso, relata que os problemas advindos desse tipo de violência podem até durar a vida toda e estar presentes tanto na convivência social quanto nas relações de trabalho e no convívio familiar.

Com base nisso, Santana reitera as possíveis consequências para os envolvidos no fenômeno relativo ao bullying, conforme segue na Tabela 1 abaixo.

Tabela 1 - Consequências para a vida do agressor e da vítima

| <b>Consequências na vida do agressor</b>      | <b>Consequências na vida da vítima</b>    |
|-----------------------------------------------|-------------------------------------------|
| Baixa autoestima                              | Baixa autoestima                          |
| Comportamento incontrolável                   | Baixa autoconfiança                       |
| Falta de confiança                            | Baixo rendimento escolar                  |
| Percepção do seu comportamento cruel          | Medo de frequentar certas áreas da escola |
| Sentimento de infrator da disciplina escolar  | Choro sem motivo aparente                 |
| Destruição de bons relacionamentos            | Vontade faltar as aulas                   |
| Problemas para conseguir emprego              | Baixo rendimento escolar                  |
| Medo de punição escolar, familiar e/ou social | Sensação de estar sempre sendo ameaçado   |

Fonte: (Santana, 2011)

Santos, Perkoski e Kienen (2015) realizaram uma pesquisa em Florianópolis em uma escola pública, envolvendo 83 alunos e 15 professores do ensino fundamental. Quando foi perguntado aos 83 alunos sobre as consequências do bullying em relação a aprendizagem, aspectos físicos e interações com os outros, eles obtiveram as seguintes respostas, como mostra a tabela 2 abaixo.

Tabela 2. Consequências para a vida da vítima do bullying

| <b>Consequências na vida da vítima de bullying</b> |
|----------------------------------------------------|
| vontade não ir na escola (66,3%)                   |
| medo (65,1%)                                       |
| tristeza (63,9%)                                   |
| vontade de mudar de escola (62,7%)                 |
| vontade de machucar o colega que o agrediu (62%)   |
| Sentimentos de alegria das vítimas (3,6% e 2,4%)   |

Fonte: (Santos; Perkoski; Kienen, 2015)

Na mesma pesquisa, foi perguntado aos 83 alunos sobre as possíveis consequências na vida dos agressores que praticam bullying. Eles obtiveram as seguintes respostas, como mostra a tabela 3 abaixo.

Tabela 3. Consequências para a vida do agressor que pratica o bullying

| <b>Consequências positivas na vida do agressor</b>     |
|--------------------------------------------------------|
| sentimento de se sentir o melhor da escola (73,5%)     |
| sentimento de alegria (61,4%)                          |
| sentimento de felicidade (54,2%)                       |
| vontade de machucar o colega (39,8%)                   |
| baixas nos trabalhos e provas (30,1%)                  |
| <b>Sentimentos negativos em relação aos agressores</b> |
| medo (10,8%)                                           |

|                                          |
|------------------------------------------|
| injustiça (10,8%)                        |
| vontade de não ir para a escola (8,4%)   |
| que ele se sente o pior da escola (8,4%) |
| outra opção (8,4%)                       |
| vontade de morrer (6,0%)                 |
| vontade de mudar de escola (4,8%)        |
| dor (2,4%)                               |

Fonte: (Santos; Perkoski; Kienen, 2015)

Arseneault (2015) realizou um estudo onde aborda que o *bullying* não ocorre apenas no âmbito escolar, mas também em casa entre irmãos. A pesquisa envolveu 7.000 crianças de doze anos no Reino Unido. Entrevistas privadas foram conduzidas utilizando perguntas adaptadas do questionário de *bullying* de Olweus, com o objetivo de investigar a relação entre o *bullying* sofrido por essas crianças e os sintomas de ansiedade, depressão e automutilação. Os resultados indicaram que as crianças que foram intimidadas várias vezes por seus irmãos até os 12 anos tinham duas vezes mais probabilidades de apresentar sintomas de depressão e automutilação, na idade adulta, em comparação com crianças que não foram vítimas de *bullying* pelos seus irmãos.

Uma revisão sistemática e meta-análise realizada por Jadambaa et al. (2020) teve como objetivo saber os custos econômicos gerado nos cofres públicos da Austrália devido ao *bullying* sofrido por crianças e adolescentes. Esses custos foram estimados através de cálculos de frações atribuíveis à população para poder determinar os efeitos da vitimação por *bullying*, relacionados à saúde, como, perturbações de ansiedade e perturbações depressivas por exemplo. Chegaram então num valor estimado de 763 milhões de dólares australianos em 2016. Desse montante, 147 milhões foram destinados a transtorno de ansiedade, 322 milhões para transtornos depressivos, 57 milhões para automutilação, 7,5 milhões para perdas de produtividade dos prestadores de cuidados das vítimas, entre outros.

## 2.2 Sobre o cyberbullying

Após percorrer a conceituação sobre o *bullying* e verificar na literatura científica os seus efeitos, torna-se necessário aprofundar no *cyberbullying*, sendo esse também um dos objetos de estudo deste trabalho.

O *cyberbullying* pode ser caracterizado como manifestações de agressões, por meio do uso de recursos eletrônicos, como computadores e celulares. Ocorre a partir de atos de violência psicológica e sistemática praticados nas redes sociais, através de postagem de texto, fotos e vídeos que têm a intenção de causar dano a outra pessoa (Flôres *et al.* 2022 *apud* Wendt; Lisboa, 2014, p. 20).

De acordo com SANTANA (2011), existem dois tipos de *Cyberbullying*: por mensagens de texto e por imagens, em ambos os casos com o intuito de fofocar, espalhar mentiras e rumores maliciosos em nome da vítima. Além disso, verificam-se dois tipos de agentes, sendo “passivos” e “ativos”. Os passivos são aqueles que recebem postagens pela internet através do telefone celular, sabem que outras pessoas também receberam, mas não fazem nada em relação a isso. Com relação aos agentes ativos, são aqueles que recebem as postagens pela internet, sabem que outras pessoas também receberam e manifestam-se, contando principalmente para seus pais.

As publicações que ocorrem na internet possuem uma permanência que é bem difícil de apagar e também difícil da vítima ignorar, pois geralmente ela tem acesso a celular e computador com internet diariamente, pois o utiliza para fins pessoais como trabalho ou estudo. Outra coisa que dificulta apagar o material difamatório das vítimas ocorre porque milhões de telespectadores podem possuir acesso ao material e salvá-los para enviar para outras pessoas que utilizam a rede. (Shariff, 2011).

As consequências do *cyberbullying* em relação à vida das vítimas são equivalentes às do *bullying* convencional, uma vez que o *cyberbullying* pode ser considerado uma ramificação deste. (SANTANA, 2011).

Silva (2009), em sua obra, “Bullying: Mentes perigosas na escola”, destaca que os principais perpetradores de *cyberbullying*, são os adolescentes. Em decorrência das diversas alterações químicas e estruturais pelas quais o cérebro infantil passa durante a adolescência a fim de se desenvolver como cérebro adulto, surgem mudanças repentinas de, questionamentos sobre regras e limites, além de sentimentos de insegurança e insatisfação inconstante.

Segundo Ferreira e Deslandes (2018), os pais e educadores frequentemente são os últimos a tomarem conhecimento da violência de *cyberbullying* sofrida por seus filhos e

alunos. Os autores também destacam argumentos que defendem as especificidades e diferenças entre o cyberbullying, e bullying tradicional. Observa-se que cyberbullying pode ocorrer a qualquer momento, independente de um espaço fisicamente demarcado, além de poder ser disseminado globalmente, com um tempo de permanência na rede para o que foi publicado sendo indeterminado.

Em contrapartida, os autores Olweus e Limber (2018) advogam pela tese de que o cyberbullying deve ser avaliado dentro do contexto mais amplo do bullying, a fim de construir um corpo de conhecimento útil e coerente. Essa abordagem visa evitar confusões entre a violência de *cyberbullying* e fenômenos relacionados, como cyber agressão ou cyber assédio por exemplo.

Cagirkan e Bilek (2021), realizaram um estudo na Turquia com 470 jovens adolescentes com idades entre os 15 e 19 anos, matriculados no ensino secundário. O objetivo desse estudo foi medir o nível de *cyberbullying* entre os estudantes e identificar os fatores demográficos e socioeconômicos que contribuem para tornar as pessoas vítimas de *cyberbullying*. Como instrumentos de análise, utilizaram a análise fatorial confirmatória (CFA), a versão turca da escala de *cyberbullying* (CBS) e, para as comparações entre as variáveis demográficas e socioeconômicas, empregaram o test t e a ANOVA unidirecional Tukey HSD. As principais conclusões dos autores indicaram que as variáveis mais significativas que influenciam a escala de *cyberbullying* na Turquia são: gênero, o tipo de escola, posse de celular, acesso privado à internet, se possui supervisão familiar em relação ao tempo de uso da internet, o objetivo de utilização da internet e aplicação utilizada para enviar mensagens a outras pessoas.

Por outro lado, John et al. (2018) realizaram uma revisão sistemática com o objetivo de encontrar associações entre pessoas envolvidas no *cyberbullying* tanto vítimas quanto agressores e comportamentos autolesivos e suicidas entre crianças e jovens com menos de 25 anos. Na análise, concluíram que as vítimas de *cyberbullying* apresentam maior risco de comportamentos autolesivos e suicidas enquanto os autores de *cyberbullying*, em menor medida, têm um risco mais elevado de comportamentos suicidas, em comparação com aqueles que não sofreram de violência relacionada ao *cyberbullying*.

Assim, destaca-se a importância de distinguir duas categorias de adolescentes. Uma delas é composta por adolescentes que possuem comportamentos pouco altruístas apenas durante a adolescência, constituindo a grande maioria. A outra parte é formada por um pequeno número de adolescentes que demonstram comportamentos não altruístas desde a infância, os quais se perduram ao longo da adolescência e da vida adulta. (SILVA, 2009)

Conforme salientado por Silva (2009), é fundamental fazer essa distinção a fim de compreender os motivos subjacentes que levam muitos adolescentes a adotarem comportamentos ilegais e antiéticos, resultando em situações de bullying e *cyberbullying*.

### **2.3 Efeitos na saúde mental de vítimas do cyberbullying e bullying: transtorno de ansiedade**

Durante o processo de levantamento de dados, observou-se que um dos principais impactos na saúde mental das vítimas do cyberbullying está relacionado ao surgimento de sintomas relativos à ansiedade.

Segundo o DSM-V (APA, 2013) destaca, os transtornos de ansiedade são transtorno que compartilham características de medo e ansiedade excessiva, resultando em perturbações no comportamento do indivíduo. O manual também esclarece que o medo é a resposta emocional a uma ameaça iminente real ou percebida, enquanto a ansiedade refere-se à antecipação de uma ameaça futura. Esses transtornos se diferem entre si nos tipos de objetos ou de situações que induzem medo, ansiedade ou comportamento de esquiva, bem como ideação cognitiva associada.

O DSM-V (APA, 2013) indica que muitos dos transtornos de ansiedade têm origem na infância e tendem a persistir se não forem tratados. Além disso, a maioria desses transtornos ocorre com maior frequência em indivíduos do sexo feminino do que no masculino, numa proporção de aproximadamente 2:1. O diagnóstico de transtornos de ansiedade é estabelecido somente quando os sintomas não são decorrentes de efeitos fisiológicos associados ao uso de uma substância/medicamentos ou de outra condição médica, e quando não são mais adequadamente explicados por outros transtornos mentais. O manual também oferece descrições específicas de cada um dos principais transtornos de ansiedade, que são eles: Transtorno de ansiedade de separação, transtorno de pânico, transtorno de ansiedade generalizada, transtorno de ansiedade social, transtorno de ansiedade induzido por Substâncias/medicamento e transtorno de ansiedade não especificado.

Stein (2008) destaca que o transtorno de ansiedade social, também conhecido como fobia social, deixou de ser considerado apenas como timidez, evoluindo para uma apreciação mais sofisticada da sua natureza crônica e prejudicial, assim como de seus fundamentos neurobiológicos. O autor ressalta, que o transtorno de ansiedade social, é o transtorno de ansiedade mais comum, apresentando uma idade de início precoce, aos 11 anos em cerca de

50% e aos 20 anos em aproximadamente 80% dos indivíduos. Além disso, é um fator de risco para doenças depressivas e abuso de substâncias.

Por outro lado, Hidalgo e Sheehan (2012) explicam que pacientes com transtorno de ansiedade generalizada (TAG) manifestam um humor ansioso e preocupações com desproporcionais em relação a várias situações cotidianas em comparação com a realidade. Esses indivíduos também enfrentam dificuldades em controlar essas preocupações, experimentam insônias relacionada a preocupações ou possíveis eventos futuros. Irritabilidade, tensão muscular e incapacidade de relaxar, dores de cabeça, dores no peito, fadiga e sudorese são sintomas evidentes em quem sofre de TAG.

Em relação ao transtorno de pânico, Roy-Byrne, Craske e Stein (2006) destacam que esse transtorno, afeta 5% da população em algum momento da vida. Além de ser incapacitante, especialmente quando complicado por agorafobia, também está associada a morbidade funcional e substancial, resultando em uma redução significativa na qualidade de vida. O transtorno de pânico também pode desencadear algumas condições físicas, como a asma.

Por outro lado, Dashiff (1995) observa que a ansiedade de separação é um indicador importante das relações de vinculação. Sua manifestação reflete a expressão de angústia por parte da criança, uma vez que normalmente a criança busca a proximidade de um adulto em sua família que desempenha o papel de protetor. Isso resulta em sentimentos positivos que fortalecem o vínculo com o cuidador. Em outras palavras, o transtorno de ansiedade de separação, é simultaneamente um fator da vinculação.

Kowalski e Limber (2012) relatam em seu trabalho acadêmico, que conduziram uma pesquisa abordando o fenômeno *bullying*, entre adolescentes com idades compreendidas entre 11 e 15 anos, provenientes de 40 países. Dentre esses adolescentes 26% admitiram ter envolvimento com *bullying*, seja como vítimas ou agressor. A referida investigação documentou que as crianças que foram vítimas de *bullying*, são mais suscetíveis a problemas de depressão, ansiedade e baixa autoestima em comparação com aquelas que não vivenciaram tal situação.

Conforme destacado por Juvonen e Gross (2008), O *cyberbullying* é o motivo de preocupação devido à sua associação a efeitos psicológicos, potencialmente nocivos. Eles ressaltam que a relação entre o *bullying* escolar e sofrimento emocional está bem estabelecidas. Além disso, os autores afirmam que um único incidente de *bullying* na escola está correlacionando a níveis diários elevados de ansiedade.

Kaloeti et al (2021) conduziram uma pesquisa na Indonésia com 456 alunos,

abrangendo ambos os gêneros (masculino e feminino), com idade entre 11 e 13 anos, provenientes de cinco escolas. O objetivo era avaliar a correlação de transtornos psicológicos e o uso excessivo de internet nesse grupo de crianças, assim como investigar a relação entre esses transtornos e a ocorrência de bullying escolar. Os resultados da pesquisa indicaram que o bullying teve um impacto significativo no desenvolvimento de ansiedade, baixa autoestima, depressão, perturbações externalizantes e comportamentos suicidas, principalmente entre as meninas.

Por outro lado, Bitar et al (2023) realizaram uma pesquisa no Líbano, abrangendo escolas privadas de todos os distritos do país. A amostra foi composta por 520 estudantes, com idades entre 13 e 16 anos, incluindo tanto meninos quanto meninas. Na discussão dos resultados, os autores observaram que os agressores envolvidos em cyberbullying, ao compartilhar conteúdos maliciosos ou constrangedores sobre outras pessoas, desvalorizam não apenas as vítimas, mas também comprometeu seu próprio auto-respeito. Esse fenômeno contribuiu para o aumento dos níveis de ansiedade e depressão entre os perpetradores.

Patte et al (2021) conduziram um estudo com o propósito de investigar a possível correlação entre o bullying sofrido por adolescentes obesos do ensino secundário no Canadá e o aumento do risco de sintomas de depressão e ansiedade. Além disso os pesquisadores exploraram se tais associações apresentavam variações de acordo com o gênero dos adolescentes. A pesquisa envolveu a participação de 57.059 alunos provenientes de 134 escolas secundárias no Canadá. O instrumento utilizado para mensurar a condição física dos participantes foi a classificação do índice de massa corporal (IMC). Para averiguar os sintomas de ansiedade empregou-se o GAD-7, enquanto a escala CESD-10 foi utilizada para mensurar os sintomas de depressão. Os resultados da pesquisa indicaram que as percepções dos adolescentes sobre seu peso e suas experiências de *bullying*, estavam associadas ao bem-estar e mal-estar psicossocial, resultados em sintomas de ansiedade, depressão e internalização.

Em consonância, de acordo com Hamm et al (2015), Cinco estudos foram conduzidos para avaliar a associação entre o cyberbullying e a ansiedade. Dentro esses estudos, três empregaram a escala *Social Anxiety Scale for Adolescents*. Dois destes estudos sugeriram uma relação fraca entre *cyberbullying* e aumento de ansiedade, enquanto o terceiro concluiu que o cyberbullying está associado a níveis elevados de ansiedade, independentemente dos efeitos do bullying tradicional na escola.

Coelho e Romão (2018) conduziram uma pesquisa com o propósito de investigar a relação entre bullying, cyberbulling, retraimento social e ansiedade social. O estudo envolveu

668 alunos do ensino secundário, do sétimo e oitavo ano, em cinco escolas públicas do distrito de Lisboa. No contexto do bullying, os pesquisadores concluíram que as vítimas dessa forma de agressão eram preditores significativos de ansiedade social. Quanto ao cyberbullying e sua relação com a ansiedade social, os resultados corroboraram essa associação. Além disso, observou-se que as meninas vítimas de bullying tiveram índices mais elevados de ansiedade social em comparação aos meninos vítimas de *bullying*. No que tange ao retraimento social, constatou-se uma associação mais pronunciada entre as crianças vítimas de *bullying* em comparação com aquelas que não foram alvo desse comportamento.

Por outro lado, Jenaro et al (2017) realizaram uma pesquisa para analisar os impactos a médio e longo prazo das experiências passadas de cyberbullying em estudantes universitários. O estudo comparou o ajustamento psicológico desses estudantes com o colegas que não haviam sido alvo de bullying. A pesquisa envolveu 1593 estudantes universitários de uma universidade espanhola e boliviana. Os instrumentos utilizados pelos autores incluíram o questionário de violência escolar-revisto, (CUVE-R), o inventário de depressão de Beck e o inventário de ansiedade. Os resultados revelaram que 5,1% dos estudantes relataram ter sido vítimas de *cyberbullying*, enquanto 19,3% afirmaram ter sido espectadores dessa forma de agressão. Os autores concluíram então que as vítimas de cyberbullying obtiveram resultados significativamente mais elevados de ansiedade e depressão.

Yeh et al (2017) conduziram um estudo com o propósito de investigar a relação de bullying sofrido por crianças com Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) e problemas relacionados à dor e à saúde mental em crianças de Taiwan. Participaram da pesquisa 474 crianças e adolescentes com diagnóstico de TDAH. Os métodos utilizados pelos autores incluíram a avaliação dos níveis de dor, perturbação funcional associada à dor, envolvimento em situações de bullying, depressão, ansiedade, sintomas de TDAH e qualidade do sono. Dentre os resultados obtidos, os achados mais significativos incluíram a constatação de que as vítimas de bullying apresentavam uma maior probabilidade de experimentar dor e incapacidade funcional em comparação com aquelas que não foram alvos de *bullying*. Além disso, os agressores demonstraram uma maior propensão a relatar episódios de dor em comparação com aqueles que não se envolveram em comportamentos agressivos. O estudo revelou que o comprometimento funcional induzido pela dor tinham associações independentes com a depressão, ansiedade e má qualidade do sono em crianças e adolescentes com TDAH.

Eyuboglu et al (2021) realizaram uma pesquisa escolar abrangendo 6202 estudantes do

ensino fundamental e médio, com idades entre 11 e 19 anos, incluindo ambos os sexos. O intuito da pesquisa era ver a relação que o bullying escolar tradicional, o *cyberbullying* e sua prevalência, bem como os impactos na saúde mental e nos comportamentos de automutilação desses alunos. Esse estudo foi realizado na província de Eskisehir,, localizado na região central da Anatólia, Turquia, durante o ano de 2019. Os autores empregaram um questionário de auto-relato composto por 33 itens adaptados, que abordavam a perpetração e vitimização do bullying. Em relação ao *cyberbullying* as perguntas exploravam se os participantes já haviam praticado ou sido vítimas dessa forma de violência, entre outras questões pertinentes. Os autores puderam concluir que as crianças envolvidas com situações de *bullying*, seja como perpetradores, vítima ou vítima-perpetrador, apresentaram um maior risco de problemas de saúde mental e comportamentos auto lesivos. Além disso a frequência da vitimização por essas formas de violência mostrou associações significativas com depressão, ansiedade, autoestima e dificuldades psicossociais.

Ford et al (2017) conduziram um estudo com 3537 jovens australianos, com idades entre 14 e 15 anos, abordando a relação entre o *bullying* e a saúde mental, bem como o comportamento suicida desses jovens. Para coletar dados, os pesquisadores empregaram um estudo longitudinal denominado Onda 6 da coorte LSAC *Kindergarten* (K). As perguntas do questionário foram feitas sobre experiências vividas no último ano e ano interior, focalizando aspectos como se os participantes foram agredidos fisicamente, agarrados, ameaçados de roubo, ou se sofreram ofensas verbais, incluindo a utilização de apelidos, entre outras questões. Além disso, indagaram se os alunos haviam praticado atos de *bullying*. Com os resultados obtidos, os autores puderam concluir que o bullying está associado a pior saúde mental global. Isso inclui um aumento do risco de depressão e ansiedade tanto em adolescentes do sexo feminino quanto masculino. Além disso, ambos os sexos apresentam um considerável aumento no risco de automutilação, ideação suicida e tentativas de suicídio.

Mei et al (2021) conduziram uma pesquisa em 3 cidades na província de Jilin, na China, envolvendo 2956 estudantes do ensino médio entre 10 e 15 anos. O objetivo do estudo foi examinar um modelo de mediação moderada para verificar se havia uma associação entre a vitimização por *bullying* e os sintomas depressivos, com a mediação da ansiedade social. Além disso investigaram se a duração do sono apresentaria efeitos moderados nesta relação. Os instrumentos utilizados incluíram Questionário de sub-escala de ansiedade social, a Escala de Depressão do Centro de estudos epidemiológicos (CES-D) e um questionário que avalia a vitimização por *bullying*. Os resultados da pesquisa destacam a teoria de uma relação indireta

condicional entre vitimização por *bullying* e os sintomas depressivos. Essa relação é moderadamente mediada pela ansiedade social, com um efeito adicional de moderação da duração do sono.

### 3 MÉTODO

O método empregado nesta revisão bibliográfica na análise de artigos disponíveis na literatura científica, acessados por meio de plataformas como Pepsic, Scielo, Google Acadêmico e PubMed. O objetivo era investigar a correlação entre a violência do bullying e Cyberbullying em indivíduos portadores de transtornos de ansiedade, abrangendo tanto crianças quanto adolescentes. As informações extraídas dos artigos foram subsequentemente analisadas e comparadas, visando responder às perguntas e questionamentos pertinentes ao trabalho de conclusão de curso de Psicologia da Universidade do Vale do Sapucaí (UNIVÁS).

As palavras-chave utilizadas nas buscas desses sites de artigos científicos incluíram termos como *bullying*, *Cyberbullying*, transtornos de ansiedade diversificados, crianças e adolescentes vítimas de violência escolar, vítimas de crimes virtuais, entre outros. No site PubMed, foram empregadas palavras em língua inglesa para ampliar a busca e abranger perspectivas em diversos países. As expressões utilizadas foram *bullying and anxiety*, *cyberbullying and anxiety*, *anxiety disorders*.

Durante o processo de busca, diversos artigos foram descartados por razões diversas, como, por exemplo, a discrepância total em relação ao tema proposto. Um exemplo disso foi a abordagem do assédio moral no trabalho, que em muitos países é conhecido como *bullying* no trabalho e a violência sofrida por adultos. Tais exclusões foram realizadas em virtude do objetivo central da pesquisa, que consistia em concentrar-se predominantemente nas questões envolvendo crianças e adolescentes.

Além da revisão de artigos, esta pesquisa também incorporou a consulta a livros de autores brasileiros, e estrangeiros. Essa abordagem permitiu não apenas a busca pela correlação entre *bullying* e *cyberbullying* e transtornos de ansiedade, mas também proporcionou parâmetro comparativo entre as dinâmicas do *bullying* e *cyberbullying* no Brasil e em outros países estrangeiros.

#### 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir dos 38 materiais utilizados na pesquisa, que incluíram artigos acadêmicos e livros provenientes de diversos países, além do alcance objetivo primordial de correlacionar o *bullying* tradicional e o *cyberbullying* com os transtornos de ansiedade enfrentados pelas vítimas dessas formas de violência, emergiram diversos resultados significativos sobre a prática do *cyberbullying* e *bullying*.

Com os dados obtidos indicaram que o problema do *bullying* e *cyberbullying*, não se restringe apenas ao continente americano; mas também trata-se de uma forma de violência que transcende fronteiras, manifestando-se também nos continentes europeu, africano, asiático e Oceânico. O que mostra que mesmo em regiões geograficamente distantes do nosso país, a violência do *bullying* e *cyberbullying* está presente, gerando até altos gastos econômicos na Austrália, o que mostra a pesquisa realizada pelos autores Jadambaa et al (2020).

O *bullying* vai além das consequências negativas para as vítimas, também acarreta impactos adversos para os agressores, como sentimento de medo, injustiça e baixa autoestima. Essas repercussões podem, inclusive, resultar na manifestação de vontades como evitar a escola ou buscar sua saída, conforme apontado por autores como Santana (2011) e Santos et al (2015). Esses estudiosos compartilham opiniões semelhantes em relação às vítimas de *bullying*, evidenciando, por exemplo, o receio de frequentar as aulas devido ao medo de sofrerem *bullying*.

Outros dados que evidenciam a disseminação global do *bullying* são apresentados pela UNESCO (2019), que reporta anualmente milhões de crianças e adolescentes sendo vítimas desse fenômeno nas escolas. A pesquisa conduzida por Ford et al (2017) também corrobora essa perspectiva, destacando que o *bullying* está associado a um impacto negativo na saúde mental global. Esses resultados contribuem para a compreensão de que o *bullying* é uma prática violenta que transcende fronteiras e afeta a saúde mental tanto das vítimas quanto dos agressores.

O entendimento sobre o *bullying* evoluiu, deixando para trás a ideia, antes considerada, de que essa prática era necessária para o desenvolvimento dos jovens, tornando-os mais resilientes, conforme afirmado por Gini e Espelage (2014). Mas quem acreditou primeiramente que essa realidade deveria mudar e haver mais estudos sobre as consequências nocivas que o *bullying* trás para a vida dos indivíduos foi o autor Dan

Olweus, que conduziu pesquisas na universidade de Bergen na Noruega, no período de 1978 a 1993, conforme apontado por Quintanilha (2011). Essa mudança de perspectiva de Dan Olweus, nos faz refletir sobre uma compreensão mais atualizada e sensível às implicações negativas do bullying, afastando-se da concepção anterior que justificava esse comportamento como parte inevitável do desenvolvimento juvenil.

Percebeu-se durante este trabalho acadêmico, a lacuna significativa na quantidade de pesquisas científicas sobre o tema *bullying* e *cyberbullying* no Brasil. Isso pode ser atribuído em grande parte, ao fato de que o debate sobre o tema ter iniciado no nosso país, no final da década de 90 e início dos anos 2.000, como indicam Pigozi & Machado (2014). O autor Medeiros (2012), aponta que o tema *bullying* teve um grande salto nas pesquisas no nosso país nos anos 2009 e 2010, onde foi publicados mais de nove livros sobre o assunto. Já em outros lugares do mundo como o Reino Unido, percebemos até que além do bullying e cyberbullying, há uma preocupação em estudar as ramificações dessas violências, como foi o caso do estudo de Arseneault (2015), que resolveu não pesquisar sobre o bullying tradicional nas escolas e sim o bullying entre irmãos o que fez a autora concluir em seu trabalho que as vítimas de bullying que sofreram a violência até seus 12 anos de idade, tinham maior probabilidade de desenvolver sintomas depressivos e se envolver em automutilação, quando comparada às crianças que não sofreram tal violência.

Um resultado importante neste trabalho acadêmico é a constatação de que o *bullying* não está associado a um só tipo de subjetividade do indivíduo, mas a múltiplas, como evidenciados em estudos diversos. Patte (2021), por exemplo, investigou os sintomas de depressão e ansiedade em adolescentes obesos; Os autores Yeh et al (2017) examinaram os efeitos do *bullying* em jovens diagnosticado com TDAH, enquanto Broll et al (2017) exploraram os efeitos psicológicos do *bullying* em adolescentes indígenas do Canadá. Contudo, o resultado principal que se conclui com essa revisão de bibliográfica em relação ao *bullying*, é a associação do *bullying* sofrido pelas vítimas e transtornos de ansiedade, que juntamente com o *cyberbullying* o foco central desse trabalho acadêmico. A análise de 14 artigos presentes nesta pesquisa, revela que as vítimas de *bullying*, enfrentam não apenas problemas de ansiedade, Mas também estão suscetíveis a desenvolver depressão, comportamentos autolesivos, isolamento social, baixa autoestima e até mesmo adotar o uso de bebidas alcoólicas ou outras substâncias nocivas à saúde, como se conclui na pesquisa de Rivara et al (2019).

Essa ampla quantidade de impactos sublinha a complexidade e gravidade das

consequências associadas à vivência do *bullying*.

Em relação ao cyberbullying, se conclui que devido à tecnologia indispensável na vida dos indivíduos do século XXI, o surgimento da violência de cyberbullying possui grandes chances de ocorrer, já que a tecnologia afeta vários aspectos da nossa sociedade e que cada vez mais crianças e adolescentes possuem acesso a ela, como diz os autores Azevedo; Miranda e Souza (2012) e Ventura e Fante (2011). Mas é necessário não demonizar as tecnologias, pois elas quando usadas corretamente, nos ajudam em diversos campos da vida, seja profissional, educacional e em relação ao nosso lazer, o que os autores Ventura e fante (2011) propõem é uma maneira diferente de estar no meio virtual, fazendo com que não se potencialize os problemas advindos das relações que acarretam nas violências virtuais, entre elas o cyberbullying.

Por ser um tema muito atual, devido ao grande avanço tecnológico das últimas décadas, o *cyberbullying* difere opiniões entre muitos autores, por exemplo, Ferreira e Deslandes (2018), apontam as diferenças do bullying tradicional e o *cyberbullying*, separando-os em duas categorias distintas, já Olweus e Limber (2018), defendem que o *cyberbullying* deve se enquadrar na mesma categoria que o *bullying* tradicional, pois se o *cyberbullying* estiver numa categoria diferente, ele pode ser confundido com outras formas de violência virtual, como o cyber assédio e a cyber agressão, ambas que também ocorrem em sites e redes sociais. Mas as consequências do *cyberbullying* nas vítimas são as mesmas do que o *bullying* tradicional como enfatiza Santana (2011) e para o autor o *cyberbullying* também é uma ramificação do bullying tradicional.

A diferença que podemos constatar, é que o *cyberbullying* possui um efeito mais duradouro que o *bullying*, pois a propagação das publicações na internet é rápida, tanto em sites como redes sociais. E a dificuldade de se apagar um material na rede seja difamatório ou não, é muito difícil, o que faz com que as pessoas do mundo inteiro poder acessar o conteúdo postado, como afirma Shariff (2011).

Com os resultados obtidos pelas pesquisas, é possível ver que o *cyberbullying* tem suas complexidades em relação a sua estrutura, como por exemplo, não é só o indivíduo que posta algo difamatório, calúnias e fofocas sobre alguém que possui participação no *cyberbullying*, mas também a pessoa que propaga esses materiais, postando novamente e enviando para sites ou redes sociais para que se tenha um alcance muito grande, o que aumenta o sofrimento psíquico das vítimas. Na estrutura do *cyberbullying*, também possui os agentes passivos e ativos, como afirma Santana (2011), sua diferença basicamente é que os passivos recebem materiais em seu celular ou

computador envolvendo conteúdo de *cyberbullying* sobre alguém e não se manifesta já os ativos se manifestam para adultos ou responsáveis.

Os estudos no mostra também que existe várias possibilidades para que alguém possa cometer o ato de *cyberbullying*, pode ser que a criança ou adolescente esteja passando por problemas familiares e queiram cometer *cyberbullying* com seu semelhante porque já sofreu violência por outras pessoas, ou até mesmo por causa de mudanças químicas e estruturais que o cérebro infantil passa na adolescência para se tornar um cérebro adulto, como defende Silva (2009).

Mas o principal resultado em relação ao *cyberbullying* que foi alcançado com esse trabalho acadêmico é a relação do *cyberbullying* com os transtornos de ansiedade, que era objetivo principal desta revisão bibliográfica, juntamente para saber se também o *bullying* tradicional também possui associação das vítimas aos transtornos de ansiedade. Então se pode constatar, que o *cyberbullying* além de estar associado com transtornos de ansiedade, também está associado a ansiedade social, a índices de depressão, comportamentos suicidas e de automutilação. Esses resultados foram semelhantes em quatro pesquisas feitas em quatro artigos acadêmicos pelos seguintes autores: John et al (2018), Hamm et al (2015), Coelho e Romão (2018) e Jenaro et al (2017), um estudo que diferenciou um pouco dos demais foi o estudo de Broll et al (2017), que em sua pesquisa, concluíram que o *cyberbullying* contribuí com ansiedade e estresse, mas não acharam resultados significativos que o *cyberbullying* contribui com a depressão o que diferiu o resultado obtido pelas pesquisas dos outros autores citados.

## 5 CONCLUSÃO

Ao longo deste trabalho, observou-se que o *bullying* e o *cyberbullying* são práticas de violência que ocorrem em âmbito mundial, e as consequências negativas são diversas nas vidas das crianças e adolescentes que estão em fase de desenvolvimento para a vida adulta.

A principal meta deste trabalho era averiguar se o *bullying* e o *cyberbullying* possuíam relações com transtornos de ansiedade nas vítimas dessa violência, e essa pergunta foi respondida, pois foram analisados mais de 30 artigos acadêmicos, muitos dos quais tratavam de pesquisas com crianças e adolescentes sobre o dano mental que o *bullying* e *cyberbullying* causam no indivíduo, seja no presente, enquanto vivenciam essa violência, ou no futuro, mesmo não estando mais sujeitos a essa prática nociva.

Além de transtorno de ansiedade social, o *bullying* e *cyberbullying*, causam tristeza, melancolia, sintomas depressivos, tentativas de suicídio, automutilação, suicídio, isolamento social entre outras práticas e sintomas que afetam a saúde mental do indivíduo. A vítima de *cyberbullying* e *bullying* torna-se um indivíduo que, na maior parte de sua vida, vive com medo de ser atacado, seja presencialmente ou através das mídias sociais.

Consequentemente, ela se torna uma pessoa isolada, com dificuldades de confiar em alguém e de fazer amizades com os colegas do seu convívio social. Muitas vezes, as vítimas não conseguem relatar essas situações para seus responsáveis ou adultos do seu contexto escolar, pois temem que isso resulte em uma redução ainda maior de sua autoestima. Os pensamentos intrusivos de serem covardes ou fracos podem ser utilizados pelos agressores para perpetuar a violência verbal ou física quando descobrem que as vítimas as denunciaram.

Infelizmente, não foi possível abordar com mais ênfase os diversos efeitos que o *bullying* e o *cyberbullying* acarretam nas vítimas, como a depressão e tentativas de suicídio. No entanto, para os leitores que utilizarem este trabalho como fonte de estudo, será evidente que o *cyberbullying* e o *bullying* tradicional provocam esses efeitos e outros, incentivando assim a contribuição para a comunidade acadêmica, através da escolha de temas que abordem tais questões.

Outra lacuna que esse trabalho apresenta é a falta de ênfase nos meios de prevenção do *bullying* e *Cyberbullying*. O objetivo era contextualizar essas práticas nocivas e os transtornos de ansiedade, focando na averiguação de suas correlações. Contudo, é crucial que se estude e discuta este tema para reduzir cada vez mais todas as

formas de *bullying* tradicional e *Cyberbullying*.

Combater o *bullying* e o *cyberbullying* é um dever que recai sobre todos os responsáveis por crianças e adolescentes, profissionais da saúde, educadores e demais indivíduos que testemunham tais formas de violência. Torna-se cada vez mais importante realizar palestras sobre o tema nas escolas, proporcionando informação e promovendo o cultivo do sentimento de empatia nas crianças e adolescentes. Essa abordagem visa instigar a preocupação destes com a saúde mental de seus colegas.

Ao adotar práticas positivas que visem diminuir o *bullying* e *cyberbullying*, não apenas contribuímos para o desenvolvimento pessoal e psíquico dos indivíduos envolvidos, mas também honramos o legado do psicólogo e pesquisador Dan Olweus (1931-2020). Olweus dedicou mais de 30 anos da sua vida profissional à pesquisa e à por formas de conscientizar a sociedade mundial sobre a extrema prejudicialidade do *bullying* tradicional e de suas ramificações. Essa dedicação persistiu desde a década de 1970, quando iniciou seus estudos, até alguns anos atrás antes de seu falecimento em 2020.

## REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**: DSM-5. Porto Alegre, Rio Grande do Sul: Artmed, 2014.

ARSENEAULT, L. Sibling bullying is associated with anxiety, depression and self-harm. **Evid Based Ment Health**, Londres, v. 18, n. 3, p. 83-84, 2015. Disponível em: <https://www.louise-arseneault.com/media/hq0ll3tm/2015-sibling-bullying-is-associated-with-anxiety-depression.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2023.

AZEVEDO, J. C.; MIRANDA, F. A. de; SOUZA, C. M. de. Reflexões a cerca das estruturas psíquicas e a prática do Ciberbullying no contexto da escola. **Intercom – RBCC**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 247-265, jul./dez. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/interc/a/SPZQVBrttdtKYYszZqnM8r6g/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 mar. 2023.

BITAR, Z., ELIAS, M.-B., MALAEB, D., HALLIT, S., OBEID, S. Is cyberbullying perpetration associated with anxiety, depression and suicidal ideation among Lebanese adolescents? Results from a cross-sectional study. **BMC Psychology**, [S. l.], v. 11, n. 1, p. 1-9, fev. 2023. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC9951827/>. Acesso em: 20 ago. 2023.

BROLL, R.; DUNLOP, C.; CROOKS, C. Cyberbullying and internalizing difficulties among indigenous adolescents in Canada: beyond the effect of traditional bullying. **J Child Adolesc Trauma**, Canada, v. 11, n. 1, p. 1-9. 2018. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7158963/>. Acesso em: 18 jun. 2023.

CAGIRKAN, B.; BILEK, G. Cyberbullying among Turkish high school students. **Scand J Psicol**, [S. l.], v. 62, n. 4, p. 1-9. 2021. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/350102578>. Acesso em: 21 mar. 2023.

COELHO, V. A.; ROMÃO, A. M. The relation between social anxiety, social withdrawal and (cyber) bullying roles: **Computers in Human Behavior**, [S. l.], v. 86, p. 218-226, 2018. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0747563218302127>. Acesso em: 10 mar. 2023.

DASHIFF, C. J. Understanding Separation Anxiety Disorder. **J Child Adolesc Psychiatr Nurs**, USA, v. 8, n. 2, p. 27-38. 1995. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/7795948/>. Acesso em: 20 jun. 2023.

EYUBOGLU, M.; EYUBOGLU, D.; PALA, S. C.; OKTAR, D.; DEMIRTAS, Z.; ARSLANTAS, D.; UNSAL, A. Traditional school bullying and cyberbullying: Prevalence, the effect on mental health problems and self-harm behavior. **Psychiatry Research**, [S. l.], v. 297, p. 1-10. 2021. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0165178121000275>. Acesso em: 18 ago. 2023.

FERREIRA, T. R. de S. C.; DESLANDES, S. F. Cyberbullying: concepts, dynamics,

characters and health implications. **Ciência & Saúde Coletiva**, [S. l.], v. 23, n. 10, p. 3369-3379, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/WJYc64dg9Rjxh8k4rJc53gL/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 25 jun. 2023.

FORD, R.; KING, T.; PRIEST, N.; KAVANAGH, A. Bullying and mental health and suicidal behaviour among 14- to 15-year-olds in a representative sample of Australian children. **Aust N Z J Psychiatry**, Australia, v. 51, n. 9, p. 897-908, 2017. Disponível em: [https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/0004867417700275?rfr\\_dat=cr\\_pub++0pubmed&url\\_ver=Z39.88-2003&rfr\\_id=ori%3Arid%3Acrossref.org](https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/0004867417700275?rfr_dat=cr_pub++0pubmed&url_ver=Z39.88-2003&rfr_id=ori%3Arid%3Acrossref.org). Acesso em: 18 jun. 2023.

GALLO, L.; GARCÍA, J.; VELASCO, S.; SANTIAGO, E. El acoso escolar (bullying) y su asociación com trastornos psiquiátricos em uma muestra de escolares em México. **Salud Publica del México**, México, v. 53, n. 3, p. 220-227. 2011. Disponível em: <https://www.scielosp.org/pdf/spm/2011.v53n3/220-227/es>. Acesso em: 18 jun. 2023.

GINI, G.; ESPELAGE, D. Peer Victimization, cyberbullying, and suicide risk in children and adolescents. **JAMA**, USA, v. 312, n. 5, p. 545-546. 2015. Disponível em: <https://jamanetwork.com/journals/jama/article-abstract/1892227>. Acesso em: 18 jun. 2023.

HAMM, M. P., NEWTON, A. S., CHISHOLM, A., SHULHAN, J., MILNE, A., SUNDAR, P., ENNIS, H., SCOTT, S. D., & HARTLING, L. Prevalence and effect of cyberbullying on children and young people: a scoping review of social media Studies. **JAMA Pediatr**, USA, v. 169, n. 8, p. 770-777. 2015. Disponível em: <https://jamanetwork.com/journals/jamapediatrics/article-abstract/2337786>. Acesso em: 20 mar. 2023.

HIDALGO, R. B., & SHEEHAN, D. V. Generalized anxiety disorder. **Handbook of Clinical Neurology**, USA, v. 106, p. 343-361. 2012. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/B978044452002900019X?via%3Dihub>. Acesso em: 18 mar. 2023.

JADAMBAA, A.; BRAIN, D.; PACELLA, R.; THOMAS, H. J.; MCCARTHY, M.; SCOTT, J. G.; GRAVES, N. The economic cost of child and adolescent bullying in Australia. **Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry**, USA, v. 1016, p. 1-61. 2020. Disponível em: [https://www.jaacap.org/article/S0890-8567\(20\)30348-8/fulltext](https://www.jaacap.org/article/S0890-8567(20)30348-8/fulltext). Acesso em: 18 mar. 2023.

JENARO, C.; FLORES, N.; FRÍAS, C. P. Anxiety and depression in cyberbullied college students: a retrospective study. **J Interpers Violence**, [S. l.], v.36, p. 1-24. 2017. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/0886260517730030>. Acesso em: 18 mar. 2023.

JOHN, A.; GLENDENNING, A. C.; MARCHANT, A.; MONTGOMERY, P.; STEWART, A.; WOOD, S.; LLOYD, K.; HAWTON, K. Self-Harm, suicidal behaviours, and cyberbullying in children and young people: systematic review. **J Med Internet Res**, [S. l.], v. 20, p. 1-15. 2018. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC5934539/>. Acesso em: 18 mar. 2023.

JUVONEN, J.; GROSS, E. F. Extending the school grounds?—bullying. **J Sch Health**, [S. l.],

v. 78, n. 9, p. 496-505. 2008. Disponível em:  
<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1111/j.1746-1561.2008.00335.x>. Acesso em: 20 jun. 2023.

KALOETI, D. V. S.; MANALU, R.; KRISTIANA, I. F.; BIDZAN, M. The role of social media use in peer bullying victimization and onset of anxiety among indonesian elementary school children. **Front Psychol**, [S. l.], v. 12, p. 1-10. 2021. Disponível em:  
<https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/fpsyg.2021.635725/full>. Acesso em: 18 jun. 2023.

KOWALSKI, R. M.; LIMBER, S. P. Psychological, physical, and academic correlates of cyberbullying and traditional bullying. **J Adolesc Health**, [S. l.], v. 53, p. 13-20. 2013. Disponível em: <https://www.jahonline.org/action/showPdf?pii=S1054-139X%2812%2900413-2>. Acesso em: 23 ago. 2023.

MEDEIROS, A. V. M. **O fenômeno bullying: (In) definições do termo e suas possibilidades**. 2012. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Ciências Sociais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2012. Disponível em:  
<https://repositorio.bc.ufg.br/teseserver/api/core/bitstreams/532dae11-2246-4c8c-af65-84a16efe83bf/content>. Acesso em: 10 jun. 2023.

MEI, S.; HU, Y.; SUN, M.; FEI, J.; LI, C.; LIANG, L.; HU, Y. Association between bullying victimization and symptoms of depression among adolescents: a moderated mediation analysis. **Int. J. Environ. Res. Public Health**, [S. l.], v. 18, n. 6, p. 1-12. 2021. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC8005068/pdf/ijerph-18-03316.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2023.

OLWEUS, D.; LIMBER, S. P. Some problems with cyberbullying research. **Curr Opin Psychol**, [S. l.], v. 19, p. 1-16. 2018. Disponível em:  
<https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S2352250X17301033?via%3Dihub>. Acesso em: 18 ago. 2023.

PATTE, K. A.; LIVERMORE, M.; QIAN, W.; LEATHERDALE, S. T. Do weight perception and bullying victimization account for links between weight status and mental health among adolescents? **BMC Public Health**, [S. l.], v. 21, n. 1, p. 1-16. 2021. Disponível em:  
[https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC8177253/pdf/12889\\_2021\\_Article\\_11037.pdf](https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC8177253/pdf/12889_2021_Article_11037.pdf). Acesso em: 18 ago. 2023.

PIGOZI, P.; MACHADO, A. L. Bullying na adolescência: visão panorâmica no Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, [S. l.], p. 3509-3522, 2014. Disponível em:  
<https://www.scielo.br/j/csc/a/YLcVTsBftTw8SPnW3P935cx/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 mar. 2023.

QUINTANILHA, C: **Um olhar exploratório sobre a percepção do professor em relação ao fenômeno bullying**. 2011. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011. Disponível em:  
<https://www.ffp.uerj.br/arquivos/dedu/monografias/cmqr.2.2011.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2023.

RIVARA, F.; ADHIA, A.; LYONS, V.; MASSEY, A.; MILLS, B.; MORGAN, E.;

SIMCKES, M.; RAHBAR, R. The effects of violence on health. **Health Affairs**, [S. l.], v. 38, n. 10, p. 1622-1629, 2019. Disponível em: <https://www.healthaffairs.org/doi/10.1377/hlthaff.2019.00480>. Acesso em: 18 ago. 2023.

ROY-BYRNE, P. P.; CRASKE, M. G.; STEIN, M. B. Panic disorder. **Seminars**, [S. l.], v. 368, 2006. Disponível em: [https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736\(06\)69418-X/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(06)69418-X/fulltext). Acesso em: 18 mar. 2023.

SANTANA, E. **Bullying e cyberbullying**: agressões presenciais e a distância. São Paulo: Edicon, 2011.

SANTOS, M.; PERKOSKI, I.; KIENEN, N. Bullying: Atitudes, consequências e medidas preventivas na percepção de professores e alunos do ensino fundamental. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, v. 23, n. 4, p.1017-1033, 2015. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-389X2015000400017](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2015000400017). Acesso em: 10 ago. 2023.

SHARIFF, S. **Cyberbullying**: questões e soluções para a escola, a sala de aula e a família. Rio Grande do Sul: Artmed, 2010.

SHETGIRI, R. Bullying and victimization among children. **Advances in Pediatrics**, [S. l.], v. 60, p. 33-51, 2013. Disponível em: [https://www.advancesinpeditrics.com/article/S0065-3101\(13\)00005-4/fulltext](https://www.advancesinpeditrics.com/article/S0065-3101(13)00005-4/fulltext). Acesso em: 15 set. 2023.

SILVA, A. **Bullying**: Mentres perigosas nas escolas. Rio de Janeiro: Objetiva Ltda, 2009.

STEIN, M. B.; STEIN, D. J. Social anxiety disorder. **The Lancet**, USA, v. 371, p 1.115-1.125, 2008. Disponível em: [https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736\(08\)60488-2/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(08)60488-2/fulltext). Acesso em: 25 mar. 2023.

UNESCO. **Violência escolar e bullying**: relatório sobre a situação mundial. Brasília : UNESCO, 2019. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000368092>. Acesso em: 20 ago. 2023.

VENTURA, A.; FANTE, C. **Bullying**: intimidações no ambiente escolar e virtual. Belo Horizonte: Conexa, 2011.

WENDT, G.; LISBOA, C: Agressão entre pares no espaço virtual: definições, impactos e desafios do cyberbullying. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro. v. 25, n. 1, p. 73-87, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pc/a/N83JQQXmpnxNkQNwcVvmZgh/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 18 ago. 2023.

WU, L.; ZHANG, D.; CHENG, G.; HU, T. Bullying and social anxiety in chinese children: moderating roles of trait resilience and psychological Suzhi. **Child Abuse Negl**, [S. l.], v. 76, p. 204-215, 2018. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0145213417304155?via%3Dihub>. Acesso em: 20 mar. 2023.

YEH, Y.-C.; HUANG, M.-F.; WU, Y.-Y.; HU, H.-F.; YEN, C.-F. Pain, bullying involvement,

and mental health problems among children and adolescents with ADHD in Taiwan. **J Atten Disord**, [S. l.], v. 23, n. 4, p. 1-8. 2017. Disponível em: [https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1087054717724514?url\\_ver=Z39.88-2003&rfr\\_id=ori:rid:crossref.org&rfr\\_dat=cr\\_pub%20%20pubmed](https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1087054717724514?url_ver=Z39.88-2003&rfr_id=ori:rid:crossref.org&rfr_dat=cr_pub%20%20pubmed). Acesso em: 27 jun. 2023.